N.º 42 (164) — 4.º ANNO

Terça-feira, 29 de Agosto de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Aguenta, Zé!...

Para começar atiram-se-te á farpella, e não havendo já um fio em cima do lombo, acabam por te arrancar a pelle!

D. Manuel III "O Arriaga,,

«Notas sobre o joelho colhidas n'esse dia de correrias e de suor por Fulano de Tal»

A sua figura

Quando ha dias se degladiavam, quasi a lançar por terra a «O'nião republicana» os dois partidos, um o do Dr. Bernardino o outro o do Arriaga não imaginavamos que eleito qualquer d'elles, os adversarios se conservassem em quietude.

E no entanto para nossa honra assim succedeu. Os que imaginavam que eleito o venerando patriarcha biblico... Arriaga, ficava o partido republicano sem «Ama-secca», deram a mão á palmatoria vendo que este tambem póde servir para Pae.

Para esquecer os cães da monarchia, são precisas cans aureoladas de sacrificio e não sorrisos afaveis de politicos. E quando, o velho Arriaga passa, a começar-se a dobrar aos annos, coisa que nunca a sua espinha fez aos regios sorvedoiros das consciencias pouco limpas, nós temos medo que elle não lhe saiba resistir como resistiu a D. Luiz. Porque, não sei se tu sabes, leitor, que este que hoje é presidente da Republica, por ti feita, teve o caracter altruista, e grandioso de recusar a offerta d'aquelle Bragança para leccionar seus filhos, Carlos o «Gordo» e Affonso o «Arreda», tanto mais que n'essa occasião (1875) era elle, cheio de filhos, pobre e com uma clientela reduzida de amigos.

Não dobrou então a sua espinha, como a não dobrou nunca. E é só agora no ultimo quartel da sua vida, quando o cansaço o assalta que a sua figura começa a dobrar.

Mas no entanto... é só meia dobrada, porque a alma, a alma sonhadôra e bôa, a alma que desde joven, soffre pelo povo, e chora pelo povo, sua, dia a dia, se eleva e se engradece, n'uma figura de vulto, que enche a Eternidade.

A eleição

Nós já tinhamos habituado o espirito á ideia do presidente, um pouco contra vontade, deixai dizer v'os. Depois quizeram dar-n'os, metter-nos á cára, impingir-n'os o Sr. Bernardino Machado. Mas, ai meninos, isso é que nós não gramavamos com muita boa vontade; e no entanto estavamos a ver que assim tinha de ser, quando começou o escrutinio:

Luiz Bernardino Machado....	1
Luiz Bernardino Machado....	2
Manuel d'Arriaga..........	1
Luiz Bernardino Machado....	3
Luiz Bernardino Machado....	4

Mas para o fim é que era vêr, o velhote a dar-lhe mécha e ei-lo ahi triumphante. Os deputados faziam apostas.

Diziam uns: O Bernardino come-o por 50 votos.

Diziam outros: O Arriaga bate-o por 40 votos.

E no fim, resignados, o grupo do «Mundo» dizia n'um sorriso amarello: Afinal só comeu o Bernardino por 35.

35 votos que foram a nossa salvação, pois estavamos a vêr que tinhamos de ouvir segunda chamada e 2.ª votação, coisa esperada desde que estavam a escrutinar 2 Pereiras ambos de pera.

Não percebe, o meu caro leitor?

E' que a eleição parecia estar para pêras.

Mas não. Aquelles 35 votos livraram nos de tal. E n'uma apotheose condigna a camara applaude freneticamente o velho democrata e mais os 24 contos.

Só, de mãos nos bolsos, sorriso nos labios, debaixo d'uma trovada de palmas em que se esqueciam as luctas partidarias, ficava mudo e quedo o sr. França Borges.

O proprio sr. Affonso Costa, o grande Affonso, brada «viva a união do partido republicano» e. . nem a isto o bruto se moveu.

Cá fóra a multidão mal o viu, n'uma reboada de clamores enthusiastas, fervilha de encontro ás forças e ás grades do parlamento. E, já no automovel, um modesto automovel que transporta bem 40 pessoas,—cacho humano—elle, sorri, com vontade de chorar de encontro áquelle bom povo que tanto amou sempre. A multidão corre, brada, súa, enthusiastica. Parece que anda o diabo á solta; e na realidade é o dia 24 de Agosto.

A boda

O cortejo nupcial chegado ao palacio do noivo, dispoz-se este a receber as prendas dos seus amigos e convidados.

Da França, um «reconhecimento» em prata.

Do seu antagonista B. Machado, um sorriso em prata lavrada, duas creancinhas em crystal e um «modus-vivendu» encastoado tambem em prata.

Do sr. Theophilo Braga uma espiga, um guarda-chuva e um volume incompleto da sua Historia de Portugal.

De varios amigos e conhecidos, caixas de graxa, latas de manteiga, etc.

Do sr. X. Correia Barreto, uma parada e um fardamento portuguez á franceza.

Do sr. Affonso Costa, a 3.ª edição da lei da separação.

Do sr. Faustino da Fonseca, o coração da Ignez, n'um estojo de seda.

Do sr. Celorico Gil meia duzia de paulitadas, para chá.

Do sr. Brito Camacho, meio kilo de banha de porco, quatro greves, duas acções da Lucta, e meio litro de azeite.

Do seu amigo Zé d'Almeida, dois beijinhos, uma madeixa da sua trunfa ex-revolucionaria e varios pares de botas.

Dos sargentos de artilheria 1, uma salva... de prata, de 21 tiros.

Ao copo d'agua que foi muito concorrido houve varios brindes entre os quaes, aos 100$000 por mez dos deputados, aos 24 contos do presidente; á queda do ministerio que é um descanço, do sr. ministro do interior, etc. etc.

O novo governo

E' claro, tratou-se logo de prognosticar o novo governo. O Antonio José para se ver livre d'aquillo, o Azevedo Gomes para descançar, e o Zé Barbosa p'ra subir.

Quem vai para o Interior? Não resta duvida. O paiz está fraquinho precisa de leite. Vai o Duarte Leite.

P'ras colonias quem? O Carlos da Maia?
Não.
O Parreira?
Tambem não.
Então quem é?
E' jacaré?
Não é.
E' tubarão?
Olé se é. E' o Zé Barbosa, então cumié!

Papa o «Zé» sem fé nem dó
Papó fi ó fi ó dó.

Ultimas noticias

Festejando a acclamação do sr. Arriaga puzeram se em greve os estivadores.

—O sr. dr. Manuel d'Arriaga, vendo um official do exercito portuguez com os novos uniformes, voltou-se para o sr. Xavier Barreto e disse:

—Parece impossivel; até o exercito já é roupa de francezes.

FULANO DE TAL.

Ao dr. Manuel d'Arriaga

D. Manuel III da reinação portugueza

E fomos nós dizer, que o bom doutor
Estava já um tanto acabadote,
Quando elle veiu provar estar rijote
E prompto p'rá héfia, sem tremor!

Perdoe nos D. Manuel, real senhor,
O nosso irreverente e crú dichote;
Provou que ainda pode dar um bote
Com pulso, com méstria, com valor!

O Diabo somos nós! Que irreverencia
Aquella de dizer mos que vocencia
Já 'stava velho, já não 'stava teso,

Quando afinal se vê que o cavalheiro,
'Stá inda como um marmeleiro!
'Stá rijo e teso p'ra'cudir ao peso!

GREGO (CARECA II)

As festas da Associação de Imprensa

Com desusado brilho, tiveram no ultimo domingo a sua inauguração no parque do Palacio das Necessidades, afim de occorrer ás despezas que esta benemerita associação faz annualmente com o seu cofre de pensões a viuvas e orphãos de jornalistas.

O programma, foi brilhantemente desempenhado e é de esperar, que a sua illustre direcção, veja coroados de bom exito os seus esforços que são bem dignos do nosso applauso.

E' QUASI EGUAL

Dizia «O Raio» falando do grande patrão moderno:—...«patrão de mil braços, que ninguem conhece, o qual, não estando em parte nenhuma, está em toda a parte...

E' parecido com Deus que ninguem conhece e que estando em toda a parte... não está em parte nenhuma!

Não chega a nada...

Concordamos com o senhor Pimenta em que 100$000 réis para os deputados é pouco. Só o Celorico Gil merecia duzentos alem d'uns tantos por cento sobre as paulitadas, «e assim successivamente».

Não era favor nenhum.

Fitas batidas

24 contos! Ninguem faz a coisa por mais? Arrematado ao sr. Arriaga.

24 contos! Prompto! Não se podia fazer a coisa por menos. A nação é rica, como dizia um nosso collega. Pode e deve pagar. O Povo é feliz. Situação desafogada. Dinheiro a rodos. «Commercio, industria, tudo florescente» como disse o nosso adoravel João de Deus.

Houve mesmo um jornal que foi mais longe: affirmou que o povo portuguez não conhece a fome. Ora tomando tudo isto em consideração tornava-se necessario aliviar a nação d'esta demasiada fartura. Tudo o que é demais faz mal.

Que a nação não poderia passar sem presidente que a fizesse prosperar, assim como o mundo não pode girar sem um Deus que lhe dê corda, e o sol não pode irradiar o calor necessario á vida sem um célico empregado attento que todas as manhãs lhe vá chegar um phosphoro, isso provou-se á evidencia. Portanto era preciso o presidentesinho. Arranjou se. Esteja o Zé descançado que já tem um representante perante o estrangeiro. Poder-se-ha dizer que é um representante de 24 contos representando um «Zé» sem camisa, mas tambem, o representante de Christo tem uma fortuna fabulosa e um palacio gigantesco, e Christo nasceu n'umas palhas!...

Ora dizia mos nós que tudo o que é demais faz mal. E assim é. Uma pinguinha alegra, uma tachada deita por terra. Um petisquinho consola as miudezas, um estender de mangueir» demasiado pode causar uma indigestão. A monarchia tanto comeu, que arrebentou.

Ora vocês estão a vêr que os politicos tiveram receio que o Zé-Povinho estoirasse de tanta fartura. Era preciso dar vasão ao demasiado. Que diabo se havia de fazer a tanta massa? Começou-se pelo subsidio aos deputados. Bôa ideia. Aqui estava uma maneira de dar um escôosito á fartura de massarocas. Fixou-se a coisa em 100$000 réis. Levantou se uma celeuma medonha. Melros que nunca abriram o bico na gaiola parlamentar pediram a palavra em grandes berros. O sr. Adriano Pimenta levantou-se em defeza do povo que alli representava. 100$000 réis não chegava. Era uma miseria. Nem dava para uns charutos. Quem poderia hospedar-se, com tão irrisoria quantia, no Avenida Palace? Não podia ser! Protestava!

Com 100$000 réis não se vive em Lisboa. Qual seria o deputado que com essa pelintrice, se poderia metter n'um automovel com duas ou tres gajas? E o vinho do Porto? E o «champagne»?

E o Martinho? E o Suisso? E os theatros, os jantares, os passeios, as paródias? Quanto custa tudo isso? Julgará acaso, a nação, que o desgraçado do seu representante, que se farta de trabalhar, que se enche de sacrificios, veiu da «cagalhufa» para levar em Lisboa uma vida de «massarongo»? Andava lá na terra a cavar batatas e ganhava naturalmente dez tostões por dia, mas não tem nada com isso.

Quem tem vicios paga os. Quem quer deputados... paga e não bufa!

O sr. França Borges propõe que o subsidio sejá só para os que precisam.

E' uma vergonha!—exclama um sr. deputado.

—Vergonha, porquê? Acaso será vergonha ser-se pobre?—pergunta o sr. Borges.

Claro que é. Pois se o Povo é rico como é que os deputados hão de ser pobres?

O subsidio tem que ser para todos. Houve alguns deputados que votaram contra elle. Mas teem que o receber á força. E' o patriotismo que o exige. O mal do Povinho é excesso de dinheiro. Era preciso alivial-o.

Assim o entenderam os deputados socialistas que não abriram bico sobre o assumpto.

Cem mil réis não é favor; sete tostões cada dia ganhavam d'antes aquelles «companheiros»...

O sr. Celorico Gil não fallou sobre o assumpto. Mas se parlamentasse a gente está a vêr o que elle diria com carradas de razão, e apoio de toda a Camara.

—Senhores deputados! Eu já ganhei cem mil réis. O meu pae ganhou cem mil réis, o meu avô ganhou cem mil réis, o meu bisavô ganhou cem mil réis, o meu trisavô ganhou cem mil réis, «e assim successivamente»!

O outro remedio que se arranjou para salvar o povo da congestão da fartura foi o subsidio para o presidente.

Fallou-se primeiro em 18 contos, é havia até quem ousasse fallar em menos, mas isso eram uns refinados os inimigos do Povo, e tal facto seria a perdição da republica, o desapparecimento do «Atlas» da nação portugueza.

Fixou-se pois a coisa em 24 contitos e vamos lá com o dr. Affonso Costa, que não é tanto quanto o presidente merecia. Elle merecia e precisava muito mais.

24 contos não chega ao presidente para comprar melões, escravos, consciencias a mulheres. 24 contos não chega á magestade para comprar uma farpella nove egual áquella que veste aristocraticamente aquelle gajo felississimo que ganha 24 vintens por dia e se chama, o Zé.

Mas fica assente que o presidente ganhe 24 contos, emquanto se não encontrar quem faça a coisa por 48.

E' a solução mais patriotica que se pode dar ao caso, não acham?

*
* *

Pergunta-se em «Os Ridiculos»:

«Quem é que tem o arrojo, a audacia, o heroismo de pôr ámanhã na rua um jornal de opposição, um jornal não republicano ?

Já ha, hoje. Mas se não houvesse, havia de pol-o uma pessoa que tivesse auctoridade para fallar, um homem de vida limpa, sem escuros no seu proceder, um typo que não fosse como frei Thomaz, e que não devesse nada a ninguem... nem em Setubal nem em Lisboa!

Ora aqui está.

*
* *

No dia da coroação de «Sua Magestade» as galerias «publicas» do Parlamento passaram á privada.

Foram todas destinadas para quem elles muito bem entenderam. Ia começar, segundo disse um jornal da noite, a dynastia do Povo.

A dynastia começou. E não contestamos que seja ou não do Povo; mas o que é certo é que o Povo não a viu começar.

Para regimen do Povo não é mal apanhado que se lhes fechem os logares publicos...

O regimen é do Povo é. Mas o Parlamento, os ministerios, os empregos e as commissões... são lá d'elles!

Viu-se Grego.

DR. MANUEL D'ARRIAGA

Na hora, por tantos motivos jubilosa, em que o paiz inteiro acclama no seu novo representante supremo, o «terminus» d'essa lucta sublime que havia de trazer a Portugal a emancipação e a consciencia, é mister que todos os obreiros da Republica, do mais modesto ao mais valoroso, esqueçam maguas e desaccordos, para saudarem «una voce», essa extraordinaria figura, de inegualavel força moral, que hoje occupa a suprema magistratura portugueza.

Por isso e apezar de não concordarmos com a eleição de Arriaga, aliás por motivos que nada o podem melindrar, tambem a nossa voz se ergue saudando com Arriaga não só o mais alto magistrado do paiz, não só o chefe supremo de todos os republicanos portuguezes, mas tambem esse vulto venerando e luminoso, que durante annos sem conta contribuiu com o seu noberrimo exemplo, com o seu inspirado verbo, com o seu inexcedivel sacrificio e ainda com a sua prestigiosa atracção de velho e de apostolo para que Portugal não seja hoje ainda, um feudo de Bragança e de Loyola, de Orleans e de Pio X.

Quizeramos bem sinceramente que Arriaga fosse mais novo, mais radical e mais homem de Estado, mas mais honrado, mais democrata e mais sincero, mais coherente e mais patriota não poderia ser o escolhido, porque em tudo isso Arriaga é verdadeiramente inexcedivel.

Oxalá portanto que só de rosas, préviamente desprovidas de todos os espinhos, lhe seja atapetado o caminho e com elle, a Portugal e á Republica.

Oxalá que Manuel de Arriaga seja o mensageiro e o portador pa.a a nossa Patria de luminosos dias, que possam profundamente orgulhar os que fizeram a Republica e os que o fizeram Presidente.

Oxalá que esse Apostolo da Libertação Humana, que já conquistou com o seu verbo eloquente, a adoração dos republicanos, venha a ser por largos annos em vida e pela Historia eternamente abençoado, estremecido e elogiado.

E que o primeiro presidente da Republica legue aos seus successores, uma patria venturosa e um exemplo nobilitante e digno de ser por todos seguido.

Arthur Neves

♣

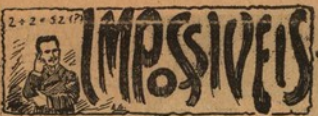
CONSUMATUM EST

Foi eleito o 1.º presidente da Republica Portugueza.

O dr. Manuel d'Arriaga tambem pertenceu á velha guarda do partido republicano portuguez.

Ha já muitos annos que estava fora das luctas politicas, retirando-se por sua expontaneidade, vê finalmente, os seus ideaes realisados.

Chacon Siciliani

DAS TREVAS
PARA A LUZ
Dr. Manuel d'Arriaga
(Eleito Presidente da Republica em 24-8-1911)
Homenagem ao 1.º Presidente da Republica Portugueza
SILVA E SOUZA

—Pintar-se o elevador da Gloria que ficou por pintar, e que ao pé do outro arranjadinho de fresco faz uma triste figura de Camacho mal enfarpelado.

—A «Republica», resolver se a publicar o cacho de uvas com os retratos dos meudos, gravura que já está feita ha muito e que francamente, é pena não se publicar, pois é muito catita.

—Dar-se um boccado de pomada «Amor» nos pucaros e nas torneiras dos marcos fontenarios do Jardim Botanico.

—Os auctores da Revista «Em Calças Pardas» deixarem de se ver nas ditas para a collocarem.

—O Tasso Zareta deixar de afinar com o epitaphio.

—Saber-se que educação terá o padre Grunho que escreveu tantas asneiras e indecencias á margem d'um numero do nosso jornal que nos enviaram.

—Formarem se os tribunaes de honra.

—Crescer o cabello ao Viu-se Grego.

—Certos cidadãos deixarem de arrombar gavetas.

—O Estevão dar mais borlas a uns certos meninos que lhe arrombaram a gaveta.

—A mulher electrica deixar de chamar capadinho e capadão a um nosso amigo.

—A gata-sabia deixar de instar com o tal capadinho para lhe mostrar certo serviço.

—O mesmo nosso amigo satisfazer-lhe a vontade.

—Uma professôra da provincia deixar de bater na sua creada.

—Que o França Borges do «Mundo»
Anda mesmo furibundo.
—Que deram-lhe os «diabetes»
E pôz-se a partir foguetes.
—Que não arvorou bandeira
Por causa da «pasmaceira»...
—Que não «pôz luz» na fachada
Porque a «coisa» foi furada.
—Que na tropa dos «pennachos»
Talvez fiquem dois «Camachos».
—Que na parada m'litar
Ia toda a tropa a andar.
—Que o grande Paiva Couceiro
Só entra lá p'ra janeiro.
—Que o ministerio futuro
Ha de levar o seu furo.
—Que se faz um monumento
Ao ministro do fomento.
—Que este diz pelos cafés
Lavar d'ahi os seus pés.

No proximo numero

O «Zé» inaugura uma secção que terá por titulo

Quadro dos adeantadores

onde apparecerão os nomes de todos os agentes e assignantes que se encontrem em debito á administração d'este jornal e a quem não é possivel arrancar a massa.

HERMANO NEVES

Em geral em Portugal e não sei se nas outras partes do mundo, ha a mania de ninguem estar contente com a vida que leva.

E' assim, que esta gentil creança, por nós conhecida do salão da Trindade n'um dia em que elle nos deleitou com o «Amor nos differentes paizes», sendo medico por uma escola importante d'Allemanha, deixa as manhas da sua profissão e professa a do jornalista.

Os paivantes em risco de apanharem para o seu tabaco, davam raia, na raia. Hermano, com a sua penna de «Capital» valor para «O Mundo» e com pena de elles não entrarem para apanharem uma tósa, tambem foi para a fronteira e lá teve aquelle laborioso parto da «Guerra Civil», publicado primeiramente em meias dóses nos jornaes e depois formando aquelle livro de capa mystica, com um anteloquio, um prefacio um prologo e 2 fins. Um, natural onde está o indice, outro, o de mostrar a incompetencia dos paivantes, incompetencia ignorante pois que julgavam ainda, que mudar instituições é coisa que se faz a pau e corda.

O seu livro é, sr. Doutor, um interessante livro. Vale bem os 300 réis e nós agradecemos aquelle que recebemos.

EU PROPRIO

ISSO, NICLES!

Diz um collega que se monarchia ficou devendo 60 e tantos milhos á lavadeira é porque era muito asseiadinha nas suas roupas brancas.

Isso era antes da revolução!

O MAIS É HISTORIA

O deputado socialista acha que em Portugal é necessario um partido social a fim de que a Republica se possa equilibrar. Um partido social? Ora essa? O que é preciso é um partido conservador do sr. Antonio Zé ou do sr. Camacho para fazer politica de «attracção»!

Isso é medo!

Um bi-semanario porque lhe mandam postaes anonymos pergunta se é este o regimen da liberdade.

Mas que culpa tem o regimen que lhe mandem postaes anonymos?

E quem não deve não teme...

O Zé na feira

A tia Anna do Grão

A melhor casa de pasto das feiras populares

Bacalhausinho com grão,
Petisqueiras variadas,
Comidas muito asseiadas
Vinho bom que é um vinhão!
Coisas de detraz da orelha
Que é uma consolação
Só se encontra lá na feira
Na **Tia Anna do Grão:**

Nova Barraca de Farturas

Rua n.º 2: a primeira barraca do genero que se encontra á entrada da feira.

Fique sabendo a gente lusitana
E tambem os heroes da rev'lução,
Que **farturas** gostosas, d'uma canna
E **vinho branco** que é um alegrão!
Tudo o que é bom e faz 'squecer «tristuras»
Na feira ha-de encontrar o passeiante
Lá na **Nova Barraca de Farturas**
Da **filha do antigo fabricante.**

Agua da Mina

Adega do Saloio

Rua Central. Atum com batatas. Retiro aoar livre

A **Adega do Saloio**, meu leitor,
Fica acima do bom **Cine Palais**
E trata a freguezia c'um amor
Que é muito frequentada pelo Zé.
Tem lá um bom retiro ao ar livre.
Com arvores p'ra dar sombra fresquinha;
Quem na feira é assaltado pela fome
E' lá que vae tratar da barriguinha!

Adega da Figueira

Cinco coisas ha aqui
Que não ha em toda a feira:
Morena, retiro, jardim
Cascata e uma figueira!

Moraes do Padre Antonio

Genifofe, isquinhas, petisquinhos, vinhinho... e raparíguinhas a servir á mesa... d'aqui:

O Moraes do Padre Antonio,
Sempre um typo do demonio,
Sempre alegre e folgasão,
Tem feito um negocião!
Um negocio bestial!
Rapaz assim tão feliz
Não ha outro no paiz
Não ha outro em Portugal!

Agua da Mina

Barraca Arganilense

Por debaixo do caracol. Vinho branco sem egual

Alto aqui ó seu leitor!
Acabaram-se as agruras!
Entre, que não faz favor
E prove as bellas farturas...
Prove tambem esse vinho,
E diga lá seu fadista,
Se não é um grande artista
Em contentar o Povinho
O nosso amigo Baptista?!

Agua da Mina

Antiga Barraca do Julio das Farturas

Eu já disse ao meio leitor
Que quem não provou farturas
Anda no mundo ás escuras!
Portanto, faça favor,
Venha ao Julio das Farturas,
Ferre n'ellas o seu dente,
Dê com a lingua um estalo,
E diga depois á gente
Se não é mesmo um regalo!

Maria Botas

O melhor restaurant da feira

Sopinha de camarão,
Bella dita de feijão,
O chispe com feijoada,
E lulas de caldeirada,
Sardinhas e carapaus,
E pescadinhas marmotas;
....
No melhor dos Wenceslaus
Na l'esta **Maria Botas**!

Ermida do Padre Antonio

(Largo da Feira, onde esteve o grande carrousel)

Leitor; o badalo a chamar os devotos
Da **Ermida do Padre Antonio** falado...
Oh vamos lá todos fazer nossos votos
Ao vinho que á venda tem lá o Machado
Na **Adega** do lado.

Não falte ninguem que as bonitas pequenas
Servindo os freguezes teem riso encantado,
Ha loiras formosas, galantes morenas,
E um bello menú que tem o Machado
Tão bem arranjado!

Campo Pequeno na Feira

Vejam lá este **Florencio**
Como é um typo damnado,
E dos demonios levado!
Tem o **Pereira** feito em **canja**
O **Casimiro Guizado**,
Bento em **sopa de feijão**
Que p'ra freguezia é pouca
E o freguez, ai esse então
A crescer-lhe agua na bocca!

Agua da Mina

O Zé

(Barraca de comidas do sr. Luiz Pereira, na Rua do Circo Russo)

Bifes a quatro vintens
E pasteis de bacalhau.
Vinho bom que dá quinau
Até nos curas da Sé,
E faz dizer um marau
—Elle é bem mau!
Só na barraca do Zé.

Carreiras de tiro

Tiro aos pombos

Georgina de Oliveira
Participa á freguezia
Que tem na sua carreira
Novidades cada dia.
Tiro aos pombos só ha lá
Só lá ha essa alegria.

Vicente da Porcalhota

Machado Santos, o heroe
Essa pessoa tão teza
Se venceu a monarchia
portugueza,
Foi que aprendeu lá um dia
a dar tiros
Com toda aquella certeza!

No proximo numero

Paginas de caricaturas sensacionaes.

Um Postal

Meu caro Estevão.

A nove escrevo-lhe dando a noticia theatral para o proximo numero de «O ZE». No **Colyseu dos Recreios**, é já escusado dizer que continua a companhia de operota Cittá di Firenze cujo sucesso tem sido dos mais grandiosos de que é prova frisante os continuos adiamentos do ultimo espetaculo; como V. devo saber no **Apollo** os «7 castellos do Diabo» dão casas cheias todas as noites. E' difficil encontrar alguem que ainda não tenha ido deliciar-se com as bellas piadas do «Peço a palavra» a esplendida revista de João Bastos e Alvaro Cabral em scena no **Variedades** assim como toda a gente que frequenta a feira tem ido aplaudir a revista «Saude e Bixas» do **Chalet Julia Mendes** e a «Sombra do Herodes» do **Chalet Avenida**. E por aqui me fico dizendo-lhe só que o **Chiado-Terrasse, Olympia, Salão Central, Trindade, Foz, Loreto** e na feira o **Chantecler-Chalet, Cine-Paris** e **Cine-Palais** continuam dando variados espectaculos, levando no **Chalet Republica** uma interessante companhia de variedades e no **Circo Russo**, na feira, uma bôa collecção de animais amestrados sendo esta barraca das mais concorridas da feira.

Creia-me sempre ao seu dispôr e aqui lhe fica prompta a marmelada theatral para o proximo numero de «O Zé».

Todo seu

Zé Pimenta.

AQUILLO É QUE É UNIÃO!

Então no dia da eleição «O Mundo» não illuminou a fachada? E nem sequer embandeirou?

E os outros a darem vivas á união do partido...

Era uma delicadeza...

Quando da eleição em frente das Côrtes, tratavam o «Zé» com tanta delicadeza que um official chegou a dizer que o melhor era maudar «jardinar» o Povinho...

O bruto andava com uma vontade de mostrar a sua Fraternidade...

Almanach Bertrand

Por causa da sr.ª D. Falta de Espaço não podemos hoje abrir bico a seu respeito, o que fica para a semana, sim?

ACABOU-SE!!!

Assembléa — Toma Zé, um petisquinho de lamber os beiços e acabado de sahir do forno.
Zé — ¡E tenho que o tragar!? E foi para isto que soffri prisões, cutiladas, etc. Expuz-me para implantar o meu-ideal, e a maldita cosinheira estragou-me tudo com os temperos! . . .